
**Uma defesa nietzschiana da democracia é possível?
entrevista com Lawrence Hatab¹**

Entrevista realizada por João Kamradt²

Tradução de Diane Southier³

Nietzsche não é visto como uma referência usual da ciência política. Sua filosofia está longe de apresentar soluções normativas, assim como ele também não demonstra nenhum tipo de entusiasmo pela democracia. Pelo contrário, em muitos dos seus textos, são fortes os ataques que o filósofo prepara contra o sistema democrático que começa a ganhar mais força e corpo na Alemanha. Devido a esses e a outros problemas (como a apropriação incorreta de suas teorias por regimes fascistas), as teorias de Nietzsche costumam ficar distantes dos textos de teoria política contemporânea. Mas, nos EUA, Lawrence Hatab apresentou com *Nietzschean Defense of Democracy: An Experiment in Postmodern Politics*, uma interpretação distinta. Nesta, que é a principal obra de Hatab, ele discute como a teoria nietzschiana, mesmo que não pensada para regimes democráticos, pode ser muito útil para uma revitalização da democracia. Seu trabalho acaba indo na contramão daquelas correntes que colocam Nietzsche como um anti-igualitário, ideólogo de regimes fascistas, e das outras que o classificam com um defensor irrestrito do aristocratismo.

Em um momento em que regimes democráticos enfrentam grandes desafios, voltar-se para filosofia nietzschiana pode ser uma saída e é isso que torna esta entrevista fundamental. O norte-americano Lawrence Hatab foi professor emérito de filosofia na Old Dominion University, na cadeira Louis I. Jaffe. Entre suas áreas de especializações estão a filosofia social e política antiga e filosofia do século XIX e XX. Hatab é um dos

¹ A entrevista foi realizada através de uma troca de e-mails que ocorreu entre os dias 12 de setembro e 11 de outubro de 2016.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da UFSC. Bolsista Capes. E-mail: joakamradt@gmail.com.

³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da UFSC.

principais estudiosos de Nietzsche que defendem a relevância do seu pensamento para a reflexão sobre a política e a democracia, especialmente a partir de aspectos centrais na filosofia de Nietzsche como o agonismo, o perspectivismo e a suspeita em relação a perspectivas que camuflam suas próprias aspirações de poder. Hatab publicou diversos artigos e seis livros: além do já citado *Nietzschean Defense*, ele também publicou *Nietzsche and Eternal Recurrence*; *Nietzsche's Life Sentence*; *Ethics and Finitude*; *Myth and Philosophy e Genealogia da Moral – uma introdução*, que é a única obra traduzida para o português.

Na entrevista abaixo, que serve como uma introdução ao pensamento tanto de Hatab quanto de Nietzsche, o autor trata de filosofia do autor alemão e o reflexo que conceitos como agonismo, antagonismo, os limites da democracia, a igualdade, o nivelamento e a busca pela excelência podem ter na política contemporânea. A entrevista abaixo foi realizada por João Kamradt e traduzida por Diane Southier.

* * * * *

Revista Em Tese: Professor Hatab, como o pensamento de Nietzsche pode ser útil à teoria política contemporânea?

Lawrence Hatab: Nietzsche é útil de duas formas: primeiro criticamente e, a outra, produtivamente. Nietzsche oferece um profundo desafio aos pressupostos políticos tradicionais, relativos à natureza e ao propósito do Estado, ao *status* da razão, à presunção de felicidade e, especialmente, aos princípios igualitários do cerne da teoria democrática. Enfrentar esse desafio pode, ao menos, revigorar a filosofia política, de acordo com a advertência de Mill contra ideias que se tornam *dead dogma*⁴. A utilidade produtiva é que podem haver recursos no pensamento de Nietzsche para aprimorar nosso pensamento sobre política, em particular sobre a importância da excelência, de um modelo agonístico de relações sociais e da dinâmica do poder.

Em Tese: Você argumenta que os princípios igualitários não deveriam estar no centro

⁴ [N.T.] A expressão *dead dogma*, em contraposição à *living truth*, é utilizada por John Stuart Mill (*On Liberty*, 1859) num contexto em que esse autor se mostra preocupado com a liberdade de expressão constante de ideias e de como elas são cultivadas, pelo fato de que ideias não refletidas perdem sua essência e poder de mudar sentimentos e condutas. Na falta de uma expressão correspondente na língua portuguesa e por entender que uma tradução literal desgastaria seu significado, optou-se pelo uso original da expressão.

da teoria democrática. Assim, a partir de Nietzsche, que valores deveriam ser enfatizados numa sociedade democrática? Além disso, nas sociedades que pregam a igualdade como um valor fundamental e que nivelam os indivíduos por baixo, a busca da excelência e um modelo agonístico de relações sociais parecem ir contra os esforços democráticos. Como conciliar essa questão com o pensamento de Nietzsche?

Hatab: Como argumento em meu livro *Nietzschean Defense of Democracy: Na Experiment in Postmodern Politics*, a noção de igualdade tem problemas de justificação e efeitos. Eu não acho que a igualdade, na prática, alguma vez tenha significado "uniformidade", mas, geralmente, uma separação do "outro" (mulheres, africanos, pobres). Uma vez que isso seja reconhecido, então podemos desistir da ideia de igualdade substantiva e simplesmente ter uma política inclusiva para o *agon*. Em seguida, entram os valores agonísticos: especialmente a disposição para perder e a rejeição à violência, à exclusão ou à repressão – que não violam apenas uma essência fundamental, mas o próprio funcionamento adequado de um *agon*. Podemos, então, também aceitar o *status* desigual em uma sociedade democrática, especialmente a excelência cultural defendida por Nietzsche. Um *status* ou uma função desigual podem ser aceitáveis, desde que as oportunidades para alcançar o *status* não sejam bloqueadas.

Em Tese: Quando se aborda o pensamento de Nietzsche nas discussões da teoria política, um dos argumentos de oposição é o de que Nietzsche não seria um teórico político, pois não teria nenhuma proposta para um sistema político coerente. Este argumento faz sentido? As contribuições nietzscheanas não poderiam sistematizar um avanço na democracia que temos hoje?

Hatab: Concordo que Nietzsche não oferece um sistema político coerente, se coerência significar uma teoria que aborda todos os aspectos significativos do governo, da atividade política e das políticas para a ordem social. Ele estava mais interessado em atacar suposições básicas da filosofia política. Ele realmente parece ter imaginado uma ordem política aristocrática, mas foi muito breve em detalhá-la, não sendo ela muito mais do que uma estrutura quase platônica liderada por filósofos-artistas que ditariam seus produtos criativos para a sociedade. Do ponto de vista da prática política e das questões políticas reais, não tenho ideia de como seria isso.

Em Tese: Você tem um belo trabalho que mostra como o pensamento de Nietzsche poderia ser usado para pensar a democracia. Ainda assim, há aqueles que veem problemas no uso do autor para pensar questões democráticas, principalmente por causa de algumas passagens nas quais Nietzsche aborda o aristocratismo e o perfeccionismo. Eu sei que você aborda essas questões em seu trabalho, mas são elas suficientes para que os estudos democráticos ignorem Nietzsche?

Hatab: Ao contrário de algumas reações ao meu trabalho, eu não argumento que Nietzsche tinha uma perspectiva democrática. Levo a sério seu aristocratismo. Meu livro é, literalmente, um “experimento” baseado em minha própria ambivalência em ser tanto um admirador da filosofia de Nietzsche quanto um democrata. Como eu disse no livro, esse seria um problema meu ou de Nietzsche. O livro foi escrito para testar a presunção de que o problema não era meu. Argumento que Nietzsche deveria ter sido um democrata, e isso por força de seu próprio pensamento. Mesmo que alguns tenham habilmente tentado mostrar que o próprio Nietzsche tinha objeções centrais à democracia que não poderiam ser retiradas de sua filosofia, ainda assim eu argumento que, num balanço geral, uma ordem política democrática seria a melhor escolha diante do cerne dos princípios nietzscheanos, particularmente de um modelo agonístico da vontade de poder, do perspectivismo e das imperfeições da existência finita. Essa é uma razão pela qual eu não gosto da noção de “perfeccionismo” de Nietzsche, embora ela possa captar algo de sua ideia de desenvolvimento humano, ainda que de uma forma não-igualitária. Também argumento que os importantes *insights* de Nietzsche sobre a desigualdade da excelência podem ser incorporados à vida democrática, especialmente do ponto de vista da produção cultural, mas também das relações estratificadas de poder na política democrática. Creio que Nietzsche oferece algumas críticas muito convincentes à teoria política democrática que não podem ser ignoradas e que podem até mesmo melhorar nossa compreensão da democracia.

Em Tese: Então você não entende a noção de perfeccionismo nietzscheano (a qual foi tópico de discussão em minha dissertação de mestrado), que gera uma ideia de desenvolvimento humano contínuo, como útil para um pensamento democrático?

Hatab: Em relação ao desenvolvimento humano contínuo, sim, mas o termo “perfeccionismo” é um problema para mim, porque ele parece ter implicações

teleológicas: um desenvolvimento em direção a uma condição completa. Nietzsche, como eu o leio, vê o desenvolvimento como continuamente em jogo e nunca livre de energias conflituosas.

Em Tese: Quando você fala sobre Nietzsche, tentando convencer a crítica da teoria política democrática de que ele poderia melhorar a nossa compreensão da democracia, você se refere especificamente a quê?

Hatab: Basicamente, penso que Nietzsche estava certo ao criticar os princípios políticos tradicionais (igualdade, racionalismo, felicidade, verdade) como “sombras” do Deus “morto”. Eles perdem sua justificativa quando o fundamento metafísico desaparece. O “naturalismo” de Nietzsche simplesmente argumenta que as condições da vida terrena devem agora ser a medida (e não apenas a ciência, como no naturalismo contemporâneo). A vontade de poder, penso eu, reúne essa nova medida natural. Observo, então, se e como a política democrática poderia ser compreendida dessa nova maneira natural. Minha hipótese é a de que a prática democrática atual nunca se ajustou aos princípios políticos tradicionais e que algo como a abordagem de Nietzsche em relação à vida pode mostrar o porquê.

Em Tese: O agonismo é um conceito que vem ganhando visibilidade na teoria política, mas, geralmente, é abordado a partir de leituras de Chantal Mouffe e intérpretes de Hannah Arendt – deixando de lado o agonismo nietzscheano. Então, eu pergunto: quais são as semelhanças e as diferenças entre as abordagens agonísticas de Mouffe, dos intérpretes de Arendt e dos intérpretes nietzscheanos?

Hatab: Gostaria de pular essa pergunta, já que não estou preparado para dar uma boa resposta sobre Mouffe e Arendt, exceto para dizer que ambas fazem uma análise muito mais política do agonismo do que Nietzsche. A razão pela qual elas e outros não comentaram muito sobre Nietzsche é que, provavelmente, assumem que a vontade de poder é problemática para a filosofia política. Mas uma leitura agonística da vontade de poder, que eu acho correta, abre-se muito para a política. Se o poder está sempre relacionado à resistência (exigindo um oponente com quem disputar), então eliminar a resistência pela violência ou pela dominação pura desfaria a estrutura da vontade de poder. Para Nietzsche, o poder sempre provoca e precisa de resistências. É por isso que

o poder não pode ser uniforme e total. Isso é algo reconhecido e bem articulado por Foucault.

Em Tese: Tanto os Estados Unidos (com Donald Trump falando contra imigrantes) quanto o Brasil (com o impeachment da presidenta Dilma, que dividiu a sociedade em duas partes que não aceitam ouvir os argumentos de quem se opõe a seu pensamento), estão vivendo uma época de fervor político, na qual questões políticas rapidamente se transformam em antagonismos, em um “nós contra eles” que não parece ser reconciliável. Diante desses complexos desafios que a sociedade cada vez mais nos impõe, haveria uma maneira pela qual o agonismo político poderia governar e os indivíduos seriam capazes de viver numa sociedade respeitando suas diferenças?⁵

Hatab: Como você sugere, o antagonismo é diferente do agonismo, porque o primeiro vê o outro como um inimigo que deve ser eliminado, enquanto o segundo vê o outro como um adversário em competição política. Existe algo parecido com o respeito agonístico exibido especialmente na área do atletismo. Mas nem sempre é necessário ou viável em alguns conflitos políticos. De um ponto de vista democrático, eu teria que respeitar uma vitória de Trump em uma eleição justa, mas certamente não o próprio Trump! Não tenho certeza do que está acontecendo nesta eleição americana. Trump é sem dúvida o pior candidato na história da política americana, e não porque ele é um racista. Não tenho certeza se ele é racista, porque pelo menos o racismo é uma visão de mundo focada. O discurso e as expressões de Trump mostram uma mente completamente perturbada, confusa e imprevisível que é perigosa, não porque sabemos o que ele faria, mas porque ele não tem qualquer base que poderia nos ajudar a prever o que ele faria. Em todo caso, as divisões são realmente fortes e preocupantes nos dias de hoje. Mas parte disso é pelo menos uma reação ao terrorismo jihadista, que deriva da forma mais niilista de ódio religioso e de carnificina bárbara. Infelizmente, muita gente não consegue distinguir entre o Islã e o jihadismo. De qualquer forma, o antagonismo vai contra o agonismo democrático, porque em uma democracia você deve estar disposto a perder a disputa e viver sob as políticas do vencedor. Isso é algo que nem sempre é palatável em outras culturas, e até mesmo dentro de nossa própria cultura você observa casos em que as pessoas veem a vitória do outro lado como demoníaca e

⁵ A entrevista foi feita quando a eleição dos Estados Unidos, da qual Donald Trump saiu vitorioso, ainda não havia sido realizada.

ilegítima. A aceitação da perda e da ausência de controle é, ironicamente, uma condição necessária para a compreensão da política democrática de acordo com a vontade de poder agonística.

Em Tese: Nietzsche não ligava a noção de *agon* à democracia. Mas a ideia de que a política agonística – entendida não como uma busca de consenso, mas como um espaço social dinâmico de respeito agonístico, revestido pelas contradições inerentes de qualquer sociedade – poderia gerar mais tolerância é uma ideia que sempre soa interessante. Mas antes de um mundo cada vez mais fundamentalista, você entende que essa teoria do *agon* poderia crescer no campo social? Ou melhor: o que você acredita que seja necessário para que um governo ou um grupo de pessoas torne este ideal realizável?

Hatab: O respeito agonístico é uma noção que pode se aplicar ao seguinte problema: por que devo respeitar uma visão com a qual não concordo? O respeito em uma disputa não requer qualquer gesto favorável em relação a um adversário, apenas que os oponentes devem ter uma oportunidade justa para vencer e que eu deveria estar disposto a viver sob o poder de uma visão oposta (até a próxima disputa). Qualquer tipo de fundamentalismo é antitético ao respeito agonístico, porque o lado oposto é visto como “mau” e como algo que deve ser erradicado. É por isso que “democracia cristã” ou “democracia islâmica” são contradições em termos, enquanto suas verdades metafísicas estiverem operando. A democracia, em minha opinião, pressupõe que a “verdade” política esteja sempre em questão, daí a necessidade do *agon*. Nenhuma vitória política pode representar “a verdade”, mas apenas uma vitória temporária que será recontestada com o tempo.